

OS XETÁ, índios da idade da pedra polida

A notícia da descoberta de índios Xetá, na década de 50, coincide com as demarcações de glebas nas terras da Serra de Dourados. Nesta época duas crianças índias da tribo são apresentadas ao antigo Serviço de Proteção ao Índio- SPI, que organiza com o professor Loureiro Fernandes uma expedição até à região para um primeiro contato organizado. O SPI, contudo, revelou-se impotente diante da força das companhias colonizadoras. Os estudos sobre os índios foram abandonados por falta de verba universitária. Os Xetá acabaram dizimados quando muito pouco se sabia sobre eles.

As companhias colonizadoras foram mais poderosas do que todas as tentativas de proteger os índios, que sobreviviam aspectos culturais da idade da pedra polida, segundo estudos do professor Loureiro.

COBRINCO, COBRASA e outras empresas colonizadoras que se multiplicavam pelo Paraná queimavam as florestas para entregar as terras- um verdadeiro coneço de deserto- aos ávidos compradores, atraídos pelo lucro fácil do café.

A devastação das florestas deu início ao processo de extinção dos Xetá. A fome passou a destruí-los. E no contato com os brancos, à procura de comida, adquiriram doenças para as quais não possuíam defesas. Ou, então, foram vítimas dos carregados das companhias, descritos pela revista Guaíra, 1.955, como "bestas civilizadas" que "aproveitaram-se das circunstâncias e deram vazão aos seus instintos bárbaros.

O extermínio dos Xetá, comparou recentemente o cineasta Valêncio Xavier, "não foi um massacre bonito, cheio de tiroteios e a cavalaria avançando ao som de cornetas como nos filmes de faroeste. Foi um massacre lento e continuado, silencioso como uma sessão de torturas, mas de todas as maneiras, um massacre".

Hoje, os Xetá são apenas cinco, oito, ninguém sabe ao certo, índios dispersos, sem condições de perpetuar a tribo. Seus ancestrais foram mortos pela cobiça com que os brancos viam suas terras, a mesma ambição que ainda agora coloca em perigo as demais aldeias indígenas existentes. O nome escolhido para este boletim, é um alerta e também uma homenagem póstuma a Wladimir Kosak, um tcheco que dedicou sua vida a documentar a cultura indígena, entre elas, principalmente, a dos Xetá.